

A Fotografia de Rua: as Memórias de Fotógrafos Lambe-Lambe da Cidade de Ilhéus- Bahia

Street Photography: The Memories of Lambe-Lambe Photographers in the City of Ilhéus-Bahia

Gracielle Soares¹

Felipe Eduardo Ferreira Marta²

Marcella Marcella Gomez Pereira³

RESUMO

As novas gerações de fotógrafos se alinharam às mais avançadas tecnologias e, juntos, têm participação no processo de extinção do antigo jeito de fotografar e ser fotografado. Este artigo investiga a fotografia de rua e a memória dos fotógrafos lambe-lambe, identificando permanências e transformações de aspectos da vida cotidiana, hábitos e representações deste grupo social de Ilhéus-BA. Para tanto, estabeleceu-se como baliza cronológica o período de 1960 a 2018, por meio das memórias desses interlocutores sobre as

¹ Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

² Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professor da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

³ Mestre em Ecologia Humana e Gestão Sócioambiental (Educação) pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

transformações sociais, arquitetônicas, culturais e políticas da cidade, com a História Oral como suporte teórico-metodológico. Destacou-se a importância dos estudos da memória no processo de escuta, do registro da cultura local e das especificidades identitárias individuais e coletivas da sociedade ilheense e sua relação com a fotografia.

Palavras-chave: memória; fotografia; lambe-lambe; Ilhéus.

ABSTRACT

The new generations of photographers have aligned themselves with the most advanced technologies and together, they have a part in the process of extinction of the old way of photographing and being photographed. This article investigates the street photography and the memory of the lapping photographers identifying permanencies and transformations of aspects of daily life, habits and representations of this social group of Ilhéus-BA. For this, the period from 1960 to 2018 was established as a chronological marker, through the memories of these interlocutors about the social, architectural, cultural and political transformations of the city having the Oral History as theoretical and methodological support. The importance of memory studies in the process of listening, recording local culture and the individual and collective identity specificities of Ilheus society and its relationship with photography was highlighted.

Keywords: memory; photography; lambe-lambe; Ilhéus.

1. INTRODUÇÃO

O fotógrafo conhecido como lambe-lambe ganhou popularidade no Brasil na segunda metade do século XX e, mesmo com os avanços tecnológicos, estes profissionais ainda podem ser encontrados em jardins e praças públicas em diferentes cidades brasileiras. Na cidade de Ilhéus, esse profissional informal, que, atualmente, utiliza equipamento digital para tirar suas fotografias, ainda carrega consigo o antigo equipamento fotográfico como meio de manter a memória da profissão.

O termo lambe-lambe tem origem controversa. De acordo com Lubatti (1982), o termo se refere ao hábito que os fotógrafos tinham de colocar a chapa de vidro

com o formato da fotografia a ser batida entre os lábios, como maneira de assegurar que a placa não sofresse danos. Segundo Kossoy (1974), o termo teve origem no processo que envolvia uma camada de asfalto sobre uma chapa de ferro sobre a qual era aplicada uma emulsão que, provavelmente, se assemelhava em aspecto com a saliva.

A fotografia representa uma memória do corpo, das tradições populares e da história oral, configurando um recorte imagético da própria história. A fotografia surge em meio a processos de transformação econômica, social e cultural e uma série de invenções que influenciaram decisivamente os rumos da sociedade, tornando o mundo portátil e ilustrado (Kossoy, 2014). Para Lima e Carvalho (2012), o retrato fotográfico substitui ausências, informa e garante a reprodução dos rituais de passagem (morte, batismo, crisma, casamento), apresenta novos integrantes às famílias e documenta as mudanças das trajetórias sociais.

Ao redor do mundo, os fotógrafos foram responsáveis pelo registro das mudanças sociais, arquitetônicas e culturais; do mesmo modo, o fotógrafo Iambe-lambe da cidade de Ilhéus foi responsável por registrar as transformações sociais, econômicas e políticas que movimentaram a cidade. A fotografia utilizada como documento de investigação e reflexão, além de transmitir respeito à história de vida dos próprios fotógrafos, permite compreender a construção das memórias coletivas de distintos grupos, entre eles, os que compunham a sociedade ilheense.

A fotografia como recorte imagético da história e das memórias da sociedade humana é, reconhecidamente, uma invenção francesa. Embora a caminhada para o aperfeiçoamento dessa prática não tenha sido linear devido à ausência de materiais adequados para sua realização, diversos cientistas se debruçaram para encontrá-los a fim de tornar exitosos os resultados da fotografia. Um dos pioneiros foi Necéphore Nièpce (1765-1833), que realizava tentativas de fixação das imagens nas chapas fotográficas com betume da Judeia, espécie de verniz que secava rapidamente quando exposto à luz.

Louis Jacques Mande Daguerre (1787-1851) realizava uma técnica parecida quando descobriu que placas de cobre cobertas por uma fina camada de prata polida e sensibilizadas com vapores de iodo podiam captar imagens vistas na câmara escura (câmera obscura) modificada (câmara de caixa deslizante), após uma exposição de cerca de 25 minutos. Contudo, suas pesquisas caminharam para lados opostos, como descreveu Ana Maria Mauad:

Enquanto o primeiro preocupava-se com os meios técnicos de fixar a imagem em um suporte concreto, resultado das pesquisas ligadas à litogravura, o segundo almejava o controle que a ilusão da imagem poderia oferecer em termos de entretenimento (afinal de contas, ele era um homem do ramo das diversões) (Mauad, 1996, p. 02).

Willian Talbot (1800-1877) e Frederick Herschel (1738-1822) também trabalharam, desde 1833, em um processo parecido com os sistemas de Niepce e Daguerre na intenção de obter imagens, mas tiveram a mesma dificuldade em achar materiais que fixassem as imagens no papel fotossensível. Kossoy (2014) afirma que a fotografia teve papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, além de ser um instrumento de apoio a pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística, ou seja, a fotografia surgiu em meio a processos de transformação econômica, social e cultural, que influenciaram decisivamente os rumos da sociedade moderna.

Com o advento da fotografia e, posteriormente, sua massificação, o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas apenas pela tradição escrita, verbal ou pictórica (Kossoy, 2014). Como consequência deste processo, temos o aparecimento do fotógrafo de rua, tipo específico de profissional do cotidiano citadino, popularmente conhecido na Bahia como lambe-lambe. Dessa maneira, o lambe-lambe passou a ser um dos principais personagens responsáveis pela popularização

da fotografia. A fotografia de rua e a memória dos fotógrafos lambe-lambe identificaram permanências e transformações de aspectos da vida cotidiana, hábitos e representações de grupos sociais (Xavier, 2022).

A fim de discutir aspectos do processo de desenvolvimento da fotografia de rua, o presente artigo se propôs a investigar a trajetória dos fotógrafos lambe-lambe da cidade de Ilhéus-BA no período de 1960 a 2018, por meio das memórias desses personagens sobre as transformações sociais, arquitetônicas, culturais e políticas da cidade a partir da metodologia História Oral, que, além de envolver o pesquisador e o entrevistado, tem o potencial de devolver às pessoas que viveram a história um lugar de pertencimento. Para Alberti (2005, p. 155), “a história oral permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”.

Tomando como referência os autores Alberti (2005) e Portelli (1996), buscouse compreender a memória como propulsora de debates historiográficos e como se tornou capaz de reconhecer as trajetórias individuais. Portanto, de modo geral, a história oral além de envolver particularmente o pesquisador e o pesquisado, pode proporcionar às pessoas a chance de reconstruir suas memórias, ou seja,

a riqueza da História Oral está evidentemente relacionada ao fato de ela permitir o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais. Nesse sentido, o pesquisador tem acesso a uma multiplicidade de histórias, que, dependendo de seu alcance e dimensão, permitem alterar a hierarquia de significações historiográficas (Alberti, 2005, p. 166).

Os registros orais que são apresentados no presente estudo foram realizados entre 2017 e 2018. Foram entrevistados tanto fotógrafos lambe-lambe que ainda trabalham na cidade de Ilhéus quanto os que já se aposentaram, sendo eles: Clodenildo Ribeiro (51 anos); Rubens Alves (66 anos); Adenival Ferreira dos Santos (69 anos); Eli Alves Nascimento (71 anos) e Maximiliano Alves (86 anos). As perguntas

foram direcionadas e compunham um roteiro de entrevistas previamente elaborado, no entanto, os entrevistados tiveram liberdade para realizar digressões de tempo e falas, respeitando o ritmo de suas lembranças e, por consequência, a emergência de suas memórias.

Por meio das narrativas orais de cada colaborador, foi possível registrar as transformações da cidade de Ilhéus, tanto da arquitetura, vias urbanas e da praça na qual ficavam, como também das representações sociais (os hábitos, os costumes, os modos de vida) dos sujeitos que buscavam seus serviços naquele espaço público (Silva, 2011). Para Nora (1993), a memória é um fenômeno atual, um elo vivido no eterno presente, que não se acomoda a detalhes que a conforta, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, simbólicas e sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções.

Desse modo, o referido trabalho foi dividido em *Introdução*, que apresentou a origem dessa atividade e seus desdobramentos à medida que os profissionais adquiriram mais conhecimento acerca das técnicas de fotografia. A parte dois, *As riquezas de Ilhéus não foram apenas os pés de cacau: ascensão dos lambe-lambe no registro das cenas do cotidiano da cidade*, conta as experiências dos fotógrafos, o contexto social no qual estavam inseridos e como suas lentes foram capazes de captar as transformações estruturais da cidade. Na parte três, *As novas configurações da cidade na era digital e luta pela sobrevivência dos lambe-lambe em Ilhéus*, por meio das narrativas orais e material documental, acrescentamos a discussão o olhar dos fotógrafos lambe-lambe sobre o declínio da profissão diante da falência da cacaicultura e a influência da tecnologização e, por fim, as *Considerações Finais*.

2. AS RIQUEZAS DE ILHÉUS NÃO FORAM APENAS OS PÉS DE CACAU: ASCENSÃO DOS LAMBE-LAMBE NO REGISTRO DAS CENAS DO COTIDIANO DA CIDADE

Localizada a 373 km (via BR-101) da capital Salvador, Ilhéus foi elevada à condição de município pela Lei Provincial nº 2.187 em 28 de junho de 1881. Entretanto, desde os tempos de Capitania de São Jorge dos Ilhéus, a região foi pensada para ser uma grande potência. Como cidade, teve sua economia alçada principalmente na década de 1920, com a exportação das amêndoas de cacau, chegando a ser o quinto porto exportador do país, através do qual saía todo o cacau da Bahia e 98% do cacau do Brasil. No livro São Jorge dos Ilhéus, Jorge Amado apresentou ao mundo a “Rainha do Sul”:

Por todo Brasil corre a fama da Rainha do Sul, fama que está mesclada com as antigas histórias de mortes e tiroteios e com as histórias modernas do cacau sendo a melhor lavoura do país [...] cidade do dinheiro e dos cabarés, da impávida coragem e dos negócios sujos. Não só nas grandes capitais, no Rio, em São Paulo, na Bahia, no Recife, em Porto Alegre, homens de negócios se interessavam e falavam naquela terra do cacau (Jorge Amado, 1985, p. 61-62).

Com a ascensão da cacaicultura, a profissão de fotógrafo teve demanda também crescente, pois, além do registro fotográfico das famílias representantes da oligarquia local, muitos trabalhadores vindos do interior para a cidade em busca de novas e melhores oportunidades necessitavam da fotografia para a carteira de trabalho e outros documentos. Assim, houve aumento do número de profissionais dedicados a essa profissão. O senhor Eli Nascimento (71 anos, fotógrafo lambe-lambe), em entrevista concedida em novembro de 2018, esclareceu um pouco sobre esse início:

O povo do interior quando eles vinham, era dia de segunda-feira que eles vinham pra tirar identidade, reservista e a gente dava em vez de 6, 8 fotos, cobrava 6 e dava 2 de cortesia. Então tirava pra profissional, identidade e reservista, pra reservista e título era a mesma fotografia, sem data, a

profissional tinha data e pra identidade era 3,5X4,5 então você ganhava muito dinheiro nessa época.

A narrativa de Eli Nascimento revela que os profissionais tiveram ganhos econômicos relevantes com a fotografia. Os avanços políticos e econômicos que ocorriam na cidade do cacau proporcionaram ganhos substanciais a estes profissionais. Alguns dos fotógrafos lambe-lambe conquistaram certa prosperidade econômica e construíram patrimônios. A fotografia permitiu que estes profissionais passassem a ser valorizados. Clodenildo Ribeiro (51 anos, fotógrafo lambe-lambe), em entrevista realizada em fevereiro de 2018, rememora alguns hábitos comuns da época:

“Era comum, os pais, principalmente do interior pedirem retratos dos filhos na praça. Eram fotos feitas para álbuns de família (recordações), hoje ninguém quer mais isso. Eles procuram muito pela restauração dessas fotos”.

Os lambe-lambe registravam a vida cotidiana da população e, silenciosamente, como observadores, puderam contar a riqueza do cacau em detalhes, assim como as trajetórias e dilemas pessoais de alguns de seus contratantes. No início da profissão, o lambe-lambe surge como uma forma barata e rápida de possuir um retrato. De acordo com nossos colaboradores, os estúdios fotográficos que funcionavam em lojas físicas eram mais caros, embora oferecessem um serviço de mesma qualidade que os lambe-lambe, só que mais demorado. O senhor Rubens Alves (66 anos, fotógrafo lambe-lambe), em entrevista concedida em fevereiro de 2018, destacou a aptidão de um de seus colegas:

[...] tinha um chamado Eli, que é um gênio da fotografia, e ele criou o lambe-lambe colorido quando se trabalhava o preto e branco analógico, então ele era procurado, por ser mais rápido, enquanto o estúdio entregava a foto com sete dias, ele entregava em 40 minutos, era revelado na hora.

O relato do Sr. Alves apresentou uma realidade diferente do esperado. De acordo com ele, a foto do estúdio demorava um tempo significativo para ficar pronta e, portanto, não era a primeira opção dos clientes, enquanto a fotografia do lambe-

lambe era entregue em menos de uma hora, ou seja, a rapidez entre tirar o retrato e revelá-lo permitiu que o trabalho do fotógrafo lambe-lambe criasse um vínculo com determinado grupo social.

Realizado há pelo menos 40 anos, o trabalho fotográfico das máquinas popularmente conhecidas como lambe-lambe se tornou um patrimônio simbólico que também caracteriza a história da região de Ilhéus. Isso porque guarda memórias de diferentes momentos da cidade, a partir das quais é possível perceber as transformações ocorridas no espaço e na sociedade ao longo dos anos em que estes profissionais estiveram trabalhando na praça José Joaquim Seabra (J. J. Seabra) (Foto 1), localizada entre as ruas Araújo Pinho, Santos Dumont e Almirante Barroso, no centro da cidade, e entre o Palácio Marques de Paranaguá (antiga sede da Prefeitura) e o prédio da Câmara Municipal.

Foto 1 - Autor desconhecido



Fonte: Instituto Nossa Senhora da Piedade – Ilhéus/BA.

Segundo Águeda (2008), os primeiros lugares escolhidos pelos fotógrafos de rua na Europa eram as feiras populares, festas e praças. Esses lugares eram mais favoráveis à divulgação da fotografia, já que reuniam espetáculos de mágicos a malabaristas, assim, permitindo que o fotógrafo divulgasse e vendesse o seu serviço.

Na cidade de Ilhéus, a ocupação e uso da praça foi um dos artifícios utilizados para se ter acesso ao público, conforme narrou o Sr. Eli: “a praça era passagem para as famílias que vinham do interior desfrutar dos serviços disponíveis na cidade”. Inaugurada em 1913, a praça J. J. Seabra homenageia o jurista nomeado primeiro promotor público de Salvador, que atuou como advogado e colaborador de diversos jornais com artigos sobre política nacional, que foi deputado geral constituinte (1891-1893), senador em 1917-1920 e vereador no Distrito Federal, em 1926.

O Sr. Maximiliano, em sua narrativa de fevereiro de 2018, destacou como percebeu as transformações que o espaço público onde os esses fotógrafos trabalhavam ocorreram. Suas memórias reconstruíram uma parte importante da arquitetura local, mas, em contrapartida, o início da extinção desse profissional:

Eu me lembro por que certamente ficou na minha memória, mas naquela época a praça ali, toda manhã vinha o jardineiro molhar as plantas com aquela mangueira, molhava as plantas tudo, bem, tinha uma estátua assim Sapho, ainda está lá até hoje, ainda tá lá né? Ali era um ponto de referência da gente. Eu fiquei dos dois lados, logo no início foi do lado de lá, do Sapho, naquela época era melhor, mas depois ficou tudo igual. Começou a decair quando começou a digital mesmo, viu?! começou a decair não, arriou por vez, de uma só vez, fotógrafo não existe mais pra bater a chapa e fazer a fotografia, não existe mais, nem quem ensine nem quem queira aprender, hoje todo mundo é fotógrafo até com o celular né, tira foto.

Na narrativa do Sr. Maximiliano, existe uma riqueza de detalhes que chama a atenção quando ele fala sobre como foi a praça em que trabalhava e como a estátua de Sapho se tornou um ponto de referência (Foto 02), talvez por sua beleza e magnitude e o cuidado com as plantas que eram regadas toda manhã. Em outro ponto, há o destaque para as modificações sofridas por este local ao longo dos anos, uma involução do processo de preservação da cultura ilheense. Sua fala promoveu questionamentos sobre sua percepção da sociedade ao observar que, com o aparecimento das câmeras digitais portáteis e aparelhos celulares equipados com câmeras, as pessoas não precisam mais tirar fotos com o lambe-lambe, pois, “hoje, todo mundo é fotógrafo”.

Foto 2 - Autor desconhecido



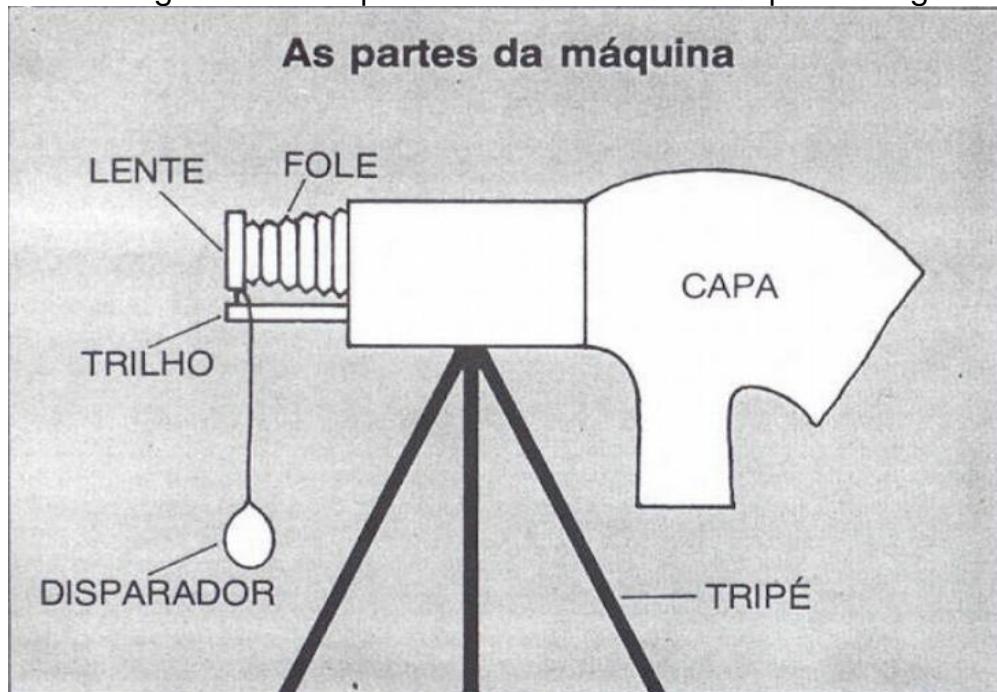
Fonte: Do autor.

Em sua narrativa, o Sr. Eli descreveu com saudosismo o uso da tecnologia que envolvia o manuseio e a ativação das antigas câmeras:

“Essa máquina que chamava máquina caixão, que antigamente, eles só faziam fotografar e revelava fora, depois inventaram revelar na própria máquina, era uma câmera com minilaboratório, aí quando eu vim trabalhar por volta de 1967 eu modifiquei a estética da máquina”.

A máquina caixão (Foto 03), na verdade, era uma câmera formada por uma caixa de madeira, uma lente, um tecido preto, usado como cortina para proteger os químicos da luz solar, e um tripé, que permitia que a máquina fosse colocada em qualquer lugar ao ar livre; o conjunto chegava a pesar 3,5 quilos aproximadamente.

Foto 3 - Diagrama da máquina lambe-lambe utilizada pelos fotógrafos de rua



Fonte: Fróes (1978).

Personagem literário, o fotógrafo lambe-lambe foi descrito no conto “A incrível e triste história de Cândida Eréndira e de sua avó desalmada”, do colombiano Gabriel García Márquez, escrito em 1972. Na obra, é possível perceber que a personagem do fotógrafo possui as características de um lambe-lambe: “Atrás dos homens vieram mesas de jogos de azar e barracas de comida e atrás de todos veio um fotógrafo em bicicleta, que instalou em frente do acampamento um aparelho de cavalete, com manga de luto”.

Dentre as diversas possibilidades que a fotografia ofereceu, o retrato foi o estilo que mais chamou a atenção e despertou interesse dos fotógrafos. Ser fotografado e fotografar acabou se tornando um hábito. De acordo com Kossoy (2004, p. 31), “era o início de um novo método de aprendizado do real em função da acessibilidade do homem à informação visual dos hábitos e fatos dos povos distantes”. As imagens entregues pelos lambe-lambe geram suportes materiais que preservavam e transmitiam memórias coletivas ao longo de gerações.

O trabalho de décadas em um mesmo local promoveu esse modo de fotografar e lhe atribuiu confiabilidade, sendo estes profissionais requisitados para registrar momentos familiares importantes como casamentos, batizados e cerimônias fúnebres. O depoimento de Adenival Ferreira dos Santos, mais conhecido como Natival, apresentou aspectos da relação que este profissional estabeleceu com um de seus clientes da praça:

Eu fiz o casamento de uma mulher, lá em Itororó, ela passou aqui tem uns 5 dias, olá como você está, aquela coisa toda, seu álbum está lá intacto, (porque o casamento, a mulher dá mais valor que homem, é muito marcante para a mulher, o álbum de fotografia, o dia a hora, então é uma joia para ela aquele presente). E ela disse que já vai fazer 50 anos de casada e quer que eu fotografe as bodas de 50 anos. Gente 50 anos! Uma vida, mas você vê, o filho é professor na universidade, ela quer que eu faça ela os filhos e os netos, você fez um trabalho com muita dedicação, e aí você tem a resposta de porquê disso, de fazer gerações, apesar de não ter fotografado os filhos dela, mas eu já fotografei mãe e filha, o casamento. Por que, tenho mais de 50 anos de fotografia. Eu tenho 69 anos, comecei com 12, então são 57 anos de profissão. Cheguei ao ponto de até pegar um cacoete, a gente tinha muito isso de fechar o olho para olhar na janelinha (Adenival Santos. Entrevista realizada em junho de 2018. Ilhéus-BA).

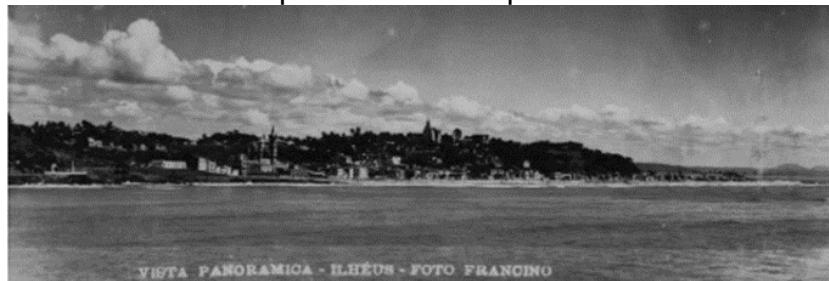
O Sr. Adenival Ferreira não era um dos fotógrafos lambe-lambe originais. Ele trabalhava em um estúdio e viu na fotografia uma forma de ganhar dinheiro e também a possibilidade de uma carreira. Aprendeu, muito cedo, a fotografar com Francino Vieira Santos, um sergipano que possuía um estúdio muito famoso na cidade. Ele contou que seu mentor, o Sr. Francino Vieira Santos, foi o responsável pela maioria das fotos antigas da cidade de Ilhéus, as quais atualmente são utilizadas como cartões postais. Conforme sua narrativa:

Francino foi fotógrafo profissional por quase 50 anos, um dos mais requisitados da cidade, seu último estúdio fotográfico ficava na Rua 28 de Junho, hoje Rua Jorge Amado. Essas fotos antigas de Ilhéus, a maioria é dele. Nas fotos dele você vê as mudanças, sem a ponte de Ilhéus, no dia da inauguração eu já estava lá, eu não estava fotografando, porque eu não era fotógrafo de reuniões e nem de celebrações, mas eu estava lá, porque no dia anterior, nós fizemos a foto pré-pronta da ponte, eu fui com ele, ele fez a foto, e a noite fomos imprimir e no outro dia eu fui lá vender os cartões postais da ponte. Foi um sucesso, a gente vendeu 300 postais. Sentiu o poder

e a valorização? E mudou muito depois dessa democratização da fotografia, não se dá mais valor a esse trabalho.

As fotografias de Francino Vieira (Foto 4 e Foto 5) e de outros lambe-lambe da cidade de Ilhéus são responsáveis por um acervo de informações sobre a formação e o desenvolvimento da cidade. Contudo, os registros em câmeras digitais substituíram o uso das antigas câmeras caixão, ou lambe-lambe, mas não acabaram com a credibilidade do trabalho desses profissionais (Foto 6). Alguns ainda se encontram na praça J. J. Seabra e levam suas antigas câmeras como forma de apresentar a velha tecnologia aos curiosos.

Foto 4 - Vista panorâmica da praia da Avenida em Ilhéus



Fonte: Acervo digital José Nazal.

Foto 5 - Avenida Soares Lopes. Centro de Ilhéus (s/d).



Fonte: Acervo digital José Nazal.

Foto 6 - Rubens, fotógrafo lambe-lambe de rua e sua máquina caixão



Fonte: Autora, 2018.

3. AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DA CIDADE NA ERA DIGITAL E LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA DOS LAMBE-LAMBE EM ILHÉUS

Com a digitalização da fotografia e as transformações socioculturais e tecnológicas, o lambe-lambe se tornou cada vez mais obsoleto e substituível. Na cidade de Ilhéus, o declínio da profissão lambe-lambe ocorreu de modo contínuo, juntamente com o declínio do cacau e o avanço da tecnologia fotográfica. Borges (2011) afirmou que a mudança no uso social desses espaços públicos também esteve relacionada ao desemprego e ao enfraquecimento da economia regional gerados pela crise do cacau.

A vassoura de bruxa, doença fúngica que destrói os pés de cacau, foi o início do movimento decrescente da profissão e isso foi sentido por muitos fotógrafos lambe-lambe, como afirmou o Sr. Adenival: “a crise do cacau deu uma despencada, meus clientes também foram embora, por que você analise só, vassoura de bruxa foi meus clientes que era do poder, quem eu vou fotografar? Me afetou”. Segundo o Sr. Clodenildo:

A praça é meu escritório de trabalho, pra mim ela não é uma praça, pra alguns ela é uma diversão, é uma praça, é um lazer. Pra mim é uma forma de meu trabalho. É meu escritório, ali é onde eu sobrevivo. Então a praça pra mim hoje ela não é uma diversão, a praça pra mim, é o meu trabalho, o meu escritório, a minha loja.

Com a crise, muitas foram as tentativas de reerguer Ilhéus como uma potência da monocultura cacaueira. No final dos anos 1980 e por toda a década de 1990, buscou-se, sem sucesso, uma alternativa. Diante deste cenário, o turismo começou a ser visto como um caminho possível para superar a crise econômica. A literatura do escritor Jorge Amado impulsionou o turismo histórico e literário. As obras “Cacau” (1933), “Terras do sem fim” (1943), “São Jorge dos Ilhéus” (1944) e “Gabriela Cravo e Canela” (1958), contribuíram para a região se destacar mundialmente como destino turístico.

As entrevistas concedidas pelos fotógrafos ajudaram a compreender as relações sociais, os hábitos e costumes, contribuindo para a reestruturação da imagem da cidade e do processo histórico sobre a ascensão e queda da cacauicultura. O testemunho do profissional lambe-lambe da cidade de Ilhéus reflete a dinâmica do urbano, já que ele presenciou mudanças sociais e transformações de hábitos e do comportamento social.

Foi pensando nas lembranças desses fotógrafos como lugar de memória que consideramos a importância desta pesquisa, uma vez que os estudos de Pollack (1989) nos apontam que os indicadores empíricos da memória coletiva estão por todo lugar.

Com o desenvolvimento de tecnologias fotográficas, o profissional lambe-lambe passa a ter dificuldades com a concorrência, que nem sempre era feita por outros fotógrafos, mas também pela praticidade, rapidez e o baixo preço oferecido pela imagem digital que acabaram, pouco a pouco, minando o trabalho destes fotógrafos. Ainda assim, alguns resistem com bravura a dura concorrência dos

fotógrafos equipados com câmeras de fotografia instantânea do tipo Polaroid (Vasquez, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa com fotógrafos lambe-lambe nos permitiu refletir sobre as relações socioeconômicas que estes profissionais estabeleceram com seus clientes e com o espaço que ocuparam durante suas trajetórias profissionais. Interpretado como arquétipo da memória coletiva, os fotógrafos lambe-lambe guardaram, em seus registros, versões da cidade de Ilhéus, da praça na qual trabalharam, e das pessoas que assistiram.

Observadores do cotidiano, os lambe-lambe adquiriram vivências, desenvolveram ferramentas e conquistaram espaços. Observá-los e entrevistá-los promoveu uma reflexão crítica acerca dos processos de constituição da memória, assim como sobre os processos que constituem e regulam as identidades desse grupo de profissionais. Assim, as narrativas dos fotógrafos da Praça J. J Seabra de Ilhéus, na Bahia, destacaram que, mais do que o ambiente compartilhado e o serviço de fotógrafo, a afetividade com todo o contexto profissional que envolve a fotografia os une enquanto sujeitos.

Peixoto (2001) destaca que preservar e transmitir um sentido de coesão de grupos e transmitir uma representação de riqueza de indivíduos são significados que derivam dos retratos de família. Estas questões, que também foram percebidas na análise dos usos sociais das fotografias como uma prática cultural, integraram a rede de comunicação que estes sujeitos estabeleceram com tantos outros processos sociais.

Desse modo, acreditamos que a experiência tanto de observação participante como a de entrevistas e a coleta de documentos foram de fundamental importância para formular as reflexões e análises desenvolvidas nesse trabalho sobre os lambe-lambe. Acreditamos no potencial dessa pesquisa não apenas para fins acadêmicos,

mas como o início de pesquisas futuras que pensem o processo de patrimonialização dos lambe-lambe da cidade, construindo um inventário que sirva para as futuras gerações entenderem como a fotografia é um recurso essencial por contar histórias.

REFERÊNCIAS

- AGUEDA, Abílio Afonso de. *O fotógrafo lambe-lambe: guardião da memória e cronista visual de uma comunidade*. 2008. 270 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- ALBERTI, Verena. *História dentro da história*. In: Pinsky, Clara B. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.
- BORGES, Evaldo N. *As praças públicas no centro de Ilhéus – BA: usos, funções e conflitos sociais*. 2011. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, SP, Campinas, 2011.
- FRÓES, Leonardo. *Lambe-lambe*. Rio de Janeiro: Secretaria Estadual de Cultura, 1978.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática, 2014.
- KOSSOY, Boris. O fotógrafo ambulante e história da fotografia nas praças de São Paulo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 5, 24 nov. 1974. Suplemento literário.
- LIMA, Solange F.; CARVALHO, Vânia C. *Fotografias: usos sociais e historiográficos*. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tânia Regina de (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 29-60.

LUBATTI, Maria Rita da Silva. **Vendedor ambulante, profissão folclórica: pesquisa nas ruas, parques e jardins de São Paulo.** São Paulo: Escola de Folclore/Secretaria do Estado da Cultura, 1982.

MAUD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história, interfaces. **Tempo** (Niterói), Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, SP, n. 10, p. 07-208, 1993.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo** (Niterói), Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

SILVA, Sérgio Luiz P. da. A fotografia e o processo de construção social da memória. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, RS, v. 47, n. 3, p. 228-231, 2011.

VASQUEZ, Pedro Afonso. **Fotografia escrita: nove ensaios sobre a produção fotográfica no Brasil.** Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2012.

XAVIER, Cássia Aparecida. **O fotógrafo de jardim e a fotografia Lambe-lambe na cidade de São Paulo entre 1920 e 1955: subsídios para uma história.** 296 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo, SP, São Paulo, 2022.